

Tema: Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto					Âmbito: Nacional	Tiragem: 16875
Título: Os paladinos do Douro					Temática: Gestão/Economia/Negócios	GRP: 1.1
2006/05/19	JORNAL DE NEGOCIOS – PRINCIPAL	Pág.26	Imagem: 1/2		Periodicidade: Diária	Inv.: n.a.

# Os paladinos do Douro

Quando a mais antiga região demarcada do mundo comemora 250 anos torna-se obrigatório evocar as suas grandes figuras. O desafio foi aceite pelo investigador de historiografia duriense Gaspar Martins Pereira, que apontou Dona Antónia, Barão de Forrester, Antão de Carvalho, Visconde de Vilarinho de S. Romão, Visconde Vila Maior, Tbreato Magalhães, Teixeira de Souza...



» Dona Antónia Adelaide Ferreira

## A história de um mito para os durienses

Rainha do Douro, Ferreirinha ou Ferreirinha da Régua. Dona Antónia Adelaide Ferreira é a grande figura do Douro. "Figura franzina e frágil", mas de grande força de vontade e com um apurado sentido para os negócios, Dona Antónia é um "símbolo maior do esforço tenaz dos durienses na reconstrução do vinhedo regional, adquirindo, por isso, a força do mito e a força da história", escreve Gaspar Martins Pereira no livro "Dona Antónia", em co-autoria com Maria Luísa Olazabal. O vasto património dos Ferreiras da Régua começou com Bernardo Ferreira (avô de Dona Antónia), que foi obrigado, sob pena de prisão, pelo Marquês de Pombal, a comprar terras na região do Douro. Foi fuzilado por engano pelas tropas de Napoleão, que o confundiram com um desertor porque lhes falou num francês perfeito. Deixou três filhos José, António (pai de Dona Antónia) e Francisco. Dona Antónia casou com o primo em primeiro grau António Bernardo

Ferreira, de quem teve três filhos, António Bernardo, Maria da Assunção (mais tarde Condessa de Azambuja), e Maria Virgínia, que morre em menina. Viúva aos 32 anos, faz grandes plantações no Douro e obras de benfeitoria. Casa novamente, aos 45 anos, com Francisco José da Silva Torres, seu secretário. Compra todo o vinho do Douro para ajudar os agricultores na luta contra os baixos preços. Surge a filoxera e a quase totalidade dos vinhedos é destruída. Recusa cruzar os braços e replanta as vinhas. Paga a construção de quilómetros de estrada e de caminho de ferro, emprega mil operários e, desta forma, cobre as suas 23 quintas com milhões de cepas. Em 1880, fica de novo viúva, mas continua com a sua obra benfeitora e ajuda a construir os hospitais do Peso da Régua, Vila Real, Moncorvo e Lamego. Morre a 26 de Março de 1896, na Quinta das Nogueiras, a maior propriedade vinhateira do Douro. Ia fazer 85 anos.



» Barão de Forrester

## Um inglês devoto ao Douro, onde morreu afogado

O Barão de Forrester é o autor do famoso mapa "O Douro Português", onde traçou o curso do rio desde a fronteira espanhola até à foz. Por ter sido considerado um trabalho excepcional valeu-lhe o título de Barão, honraria pela primeira vez atribuída a um estrangeiro. Joseph James Forrester nasceu em Hull, na Escócia, em 1809. Chegou a Portugal em 1830 e, ajudado por um tio, dedica-se ao comércio na cidade do Porto. Era um homem culto e multifacetado, também foi poeta, desenhista e aquarelista. E é uma das figuras emblemáticas da história do Douro e do vinho do Porto também porque se envolveu num longo combate, em meados do século XIX, contra o "novo sistema" de vinificação (vinhos doces e fortes). Forrester era a favor dos vinhos secos. "É certo que alguns viticultores produziam alguns dos seus melhores vinhos da forma recomendada por Forrester, mas a maior parte orientava-se pela tendência geral para

vinhos doces e fortes", explica Gaspar Martins Pereira ("O Douro e o Vinho do Porto em 1877"). A adição de açúcar aos tonéis onde se desenrolava a fermentação do vinho era uma prática determinada pelo gosto inglês (a maior parte do vinho do Porto era exportado para Inglaterra), que queria vinhos fortes, carregados na cor e doce. O Barão de Forrester veio a falecer vítima de um acidente de barco, quando se encontrava hóspede de Dona Antónia Adelaide Ferreira, no Cachão da Valeira, em Maio de 1861. Do fatídico passeio de recreio salvaram-se todos, socorridos por outro barco, menos o Barão, uma criada e um criado. Dizem que D. Antónia se salvou graças ao efeito balão provocado pelos seus vestidos e que Forrester se afogou porque levava na sua faixa uma quantidade apreciável de moedas em ouro. Morreu e ficou sepultado no lugar que mais o impressionava e que chegou a desenhar por duas vezes.

Tema: Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto					Âmbito: Nacional	Tiragem: 16875
Título: Os paladinos do Douro					Temática: Gestão/Economia/Negócios	GRP: 1.1
2006/05/19	JORNAL DE NEGOCIOS – PRINCIPAL	Pág.27	Imagem: 2/2		Periodicidade: Diária	Inv.: n.a.



**Isabel Cristina Costa**  
iccosta@mediafin.pt

A história do Douro e do Vinho do Porto é feita por muitos paladinos, antigos e actuais. Mas no ano em que o “país vinhateiro” regulamentado comemora 250 anos lançamos um desafio quase a “queima-roupa” ao historiador Gaspar Martins Pereira, sendo o próprio um paladino do Douro. Docente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e director do Museu do Douro, publicou várias obras sobre a região, as suas figuras ilustres e o vinho do Porto, como são exemplo “O Douro e o vinho do Porto, de Pombal a João Franco” (1991), “Alto Douro - Douro Superior” (1988) e “Dona Antónia”, em colaboração com Maria Luísa Olazabal.

“A região está cheia de personagens”, é assim que Gaspar Martins Pereira responde, para depois apontar Dona Antónia Adelaide Ferreira, “uma mulher que não é só de origem duriense (nasceu na Régua em 1811), ficou agarrada à terra e à defesa da viticultura. Passeava todas as manhãs pelas suas vinhas”. Dona Antónia bateu-se tanto pela modernidade da região como pela preservação do saber fazer vinhos. Tinha um apurado sentido para os negócios e apesar de ter vivido numa sociedade machista foi uma mulher bastante influente.

Actualmente, a A. A. Ferreira já não faz parte da família (os Ferreiras da Régua). Foi comprada em 1987 ao grupo português de vinhos Sogrape, que continua a entregar todos os anos o “Prémio Dona Antónia”, destinado a distinguir as mulheres que mais de evidenciaram no mundo empresarial português.

O Barão de Forrester é outra figura incontornável e há mesmo quem chegue a insinuar um romance com Dona Antónia, que nunca se chegou a provar. Forrester bateu-se contra o “novo sistema” de vinificação - os vinhos doces e fortes, que iam ao encontro do gosto britânico. O Barão era a favor dos vinhos secos, produzidos pelo “processo antigo”, com fermentação completa e sem adição de aguardente. “É certo que alguns viticultores produziam alguns dos seus melhores vinhos da forma recomendada por Forrester, mas a maior parte orientava-se pela tendência geral para vinhos doces e fortes”.

Gaspar Martins Pereira aponta outros paladinos como Antão de Carvalho, o Visconde de Vilarinho de S. Romão, o Visconde Vila Maior, Torcato Magalhães e Teixeira de Souza, que “deram a sua vida” à região. Do lado do comércio, são muitas as famílias inglesas importantes na afirmação mundial do produto, “não sei destacar uma”.



## ➤ De Antão a Torcato

### Os defensores da produção

A produção duriense encontrou desde sempre grandes defensores. Antão Fernandes de Carvalho foi um deles. Nos anos 30, quando a lavoura duriense atravessava mais uma das suas crises, com o preço do vinho a cair, Antão de Carvalho embrenhou-se na luta para a criação de um organismo associativo, que não só defendesse o vinho e a região, como também os promovesse.

Juntamente com Carlos Amorim, Joaquim Carvalhais, Bonifácio da Costa e Artur Castilho criou o “Estatuto do Douro”, que viria a ser alterado pelo governo. Envolve-se depois num contra-projecto, com Camilo Bernardes Pereira e José da Costa Lima, que viria a ser aceite. A 19 de Novembro de 1932, o governo fez publicar o decreto-lei nº 21883 criando a Federação Sindical dos Viticultores da Região do Douro, hoje Casa do Douro. Antão de Carvalho fica na história da região não por ser apenas o fundador da Casa do Douro, mas também porque este parlamentar ilustre, republicano, jornalista de destaque, antigo ministro da Agricultura, Comércio e Pescas e antigo presidente da Câmara Municipal do Peso da Régua, sempre de bateu pelo fim da miséria duriense, tornando-se um dos seus mais venerandos paladinos.

Antão Fernandes de Carvalho nasceu em 1871, na freguesia de Piores, concelho de Peso da

Régua. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Morreu em 1948. Outro nome incontornável da história do Douro é o de António Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão, primeiro Visconde de Vilarinho de São Romão e um dos deputados eleitos (1820) por Trás-os-Montes e re-eleito (1826). É autor dos primeiros grandes trabalhos sobre o vinho do Porto, do início do século XIX, como é o caso do “Tratado teórico e prático da agricultura das vinhas, da extracção do mosto, bondade e conservação dos vinhos e da destilação das águas ardentes” (1822) e da “Memória histórica e analítica sobre a companhia dos vinhos, denominada de agricultura das vinhas do Alto Douro” (1833). Foi um dos fundadores da Associação da Agricultura do Porto. Também importante foi o Visconde de Vila Maior com a obra “O Douro Ilustrado” (1876). Um álbum do país vinhateiro de então, com muitas paragens obrigatórias: Quinta do Vesúvio, da Roêda, Casa da Quinta do Noval, Cachão da Valeira, Barca d’Alva, entre outras. Neste vasto rol de defensores do Douro, o historiador Gaspar Martins Pereira evoca ainda Torcato Magalhães - que, na altura, através da Casa do Douro, tentou constituir esse Movimento dos Paladinos para a união do Douro -, e Teixeira de Souza.



## ➤ Famílias inglesas

### Papel fundamental na afirmação do vinho do Porto

“The englishmen’s wine”, como já chamaram ao vinho do Porto, garantiu a sua afirmação mundial muito à conta das casas inglesas instaladas na cidade e que exportavam o vinho para Inglaterra (em certas épocas foi praticamente o cliente exclusivo). A dependência do mercado inglês determinou a evolução dos gostos e tipos de vinho produzidos - doces e fortes.

Muitas dessas casas ainda existem, apesar de algumas já não estarem nas mãos de descendentes dos fundadores. Taylor’s, Croft, Offley, Sandeman, Kopke, Cockburn, Warre, Graham, Delaforce... Como não é possível relatar a história de todas, escolhemos duas de forma aleatória.

A Kopke, fundada em 1638, é tida como a primeira casa de vinho do Porto. Cristiano Kopke e o filho Nicolau vieram de Hamburgo para Portugal como representantes da Liga Hanseática. Em 1756, data da fundação da Real Companhia (era primeiro-ministro o Marquês de Pombal), Nicolau Kopke foi nomeado para “junta” deste organismo e teve um papel importante no comércio do vinho do Porto. A família Barros viria a comprar a empresa em 1953 à família Bohane, que a dirigira durante quase cem anos, após terem sido os tradicionais importadores para Inglaterra dos vinhos

produzidos pela Kopke.

Hoje, a Kopke continua a ter uma imagem de qualidade, sendo reconhecida nos principais mercados do vinho do Porto.

Outra casa importante é a Croft. Fundada em 1678 por dois sócios, Phayre e Bradley, foi um dos primeiros exportadores de vinho do Porto. John Croft chega ao Porto em 1736 e a empresa passa a chamar-se Tilden, Thompson & Croft. O sobrinho em segundo grau de John Croft, seu homónimo, com o “Tratado sobre os vinhos de Portugal”, de 1788, torna-se uma das principais figuras do sector no século XVIII. O seu tratado é ainda hoje uma das mais importantes fontes de informação sobre a história do vinho do Porto. Em 1827, Croft & C<sup>o</sup> Ltd. tornou-se no quarto maior exportador de vinho do Porto. Por esta altura, a casa Croft decidiu adquirir uma das melhores quintas do Douro.

A família Croft regressou a Inglaterra após as Guerras Peninsulares, pelo que já não há descendentes associados à casa Croft. Em 1911, foi adquirida pela conhecida família de mercadores de vinhos Gilbey. Em 2001, a Croft é vendida ao grupo Flagdate Partnership (que tem ainda a Taylor’s, a Fonseca e a Delaforce) e passou a ser propriedade de descendentes de duas velhas famílias do sector do vinho do Porto, os Yeatman e os Fladgate.